



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Leide Daiane Barros de Aquino

**REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DE HISTÓRIA, NO SERTÃO DE
ALAGOAS, SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Delmiro Gouveia – AL
2018

Leide Daiane Barros de Aquino

**REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DE HISTÓRIA, NO SERTÃO DE
ALAGOAS, SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Msc. Gustavo Manoel da Silva Gomes.

Delmiro Gouveia – AL
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Unidade Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

A657r Aquino, Leide Daiane Barros de

Representações de professores de História, no Sertão de Alagoas,
sobre a cultura afro-brasileira / Leide Daiane Barros de Aquino. –
2018.

31 f. : il.

Orientação: Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade
Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História – Ensino. 2. Cultura Afro-Brasileira – Ensino.
I. Título.

CDU: 93:37



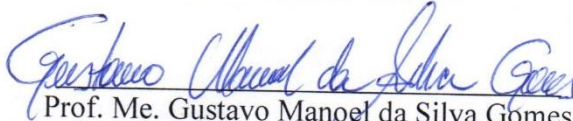
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA




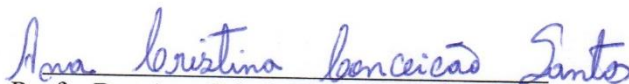
TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DE HISTÓRIA, NO SERTÃO DE ALAGOAS, SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA**, elaborado por **Leide Daiane Barros de Aquino** foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora com nota 8,5 (oitoe meio), cumprindo as exigências para obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes
Universidade Federal de Alagoas


Profª. Dra. Maria Aparecida Silva
Universidade Federal de Alagoas


Profª. Dra Ana Cristina Conceição dos Santos
Universidade Federal de Alagoas

AQUINO, Leide Daiane Barros de. **Representações de Professores de História, no Sertão de Alagoas, Sobre a Cultura Afro-Brasileira**. 2018, 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso/TCC (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Campus do Sertão/Delmiro Gouveia, 2018.

REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DE HISTÓRIA, NO SERTÃO DE ALAGOAS, SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

RESUMO

Diante da problemática envolvendo as questões referentes ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas para os níveis de ensino fundamental e médio surge este trabalho que pretende discutir os desafios enfrentados pelos professores do município de Delmiro Gouveia, no Sertão alagoano, em seu cotidiano escolar. A importância para a formação dos indivíduos de uma sociedade é, também, de responsabilidade da escola, especialmente, do professor. Essa perspectiva se aplica à construção das identidades plurais que os alunos possuem no que se refere, em particular, à identidade negra. A obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira é garantida por lei advindas de lutas dos diversos movimentos negros na luta pela obtenção da igualdade e desqualificação do racismo na sala de aula. A pesquisa foi realizada com professores de História da rede pública municipal de ensino de Delmiro Gouveia, realizada com uso do questionário investigativo, a FAL (Ficha de Avaliação Livre), análise do conteúdo por Laurence Bardin (1977) e História Oral por Verena Alberti (2005), sendo tratados os dados, posteriormente, e discutidos nos resultados presentes neste trabalho. Percebe-se, quanto aos professores de História no sertão alagoano, a falta de conhecimento direcionado à temática “cultura afro-brasileira”. Assim, a aplicabilidade da legislação é insuficiente quando se defronta com a realidade, considerando que não há acompanhamento da efetividade dos trabalhos e são poucos os investimentos em formação continuada para esses profissionais, principalmente para aqueles que concluíram graduação antes da implementação das leis, além da falta de interesse de alguns professores em participar nos encontros voltados para a área.

Palavras-chave: Ensino de História; Cultura Afro-brasileira; Representações Docentes.

AQUINO, Leide Daiane Barros de. **Representações de Professores de História, no Sertão de Alagoas, Sobre a Cultura Afro-Brasileira.** 2018, 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso/TCC (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Campus do Sertão/Delmiro Gouveia, 2018.

REPRESENTATIONS OF HISTORY TEACHERS, AT THE SERTÃO OF ALAGOAS, REGARDING AFRO-BRAZILIAN CULTURE

ABSTRACT

Faced with the issues surrounding the teaching of Afro-Brazilian History and Culture in schools for elementary and high school levels, this work intends to discuss the challenges faced by the teachers of the municipality of Delmiro Gouveia, in the country of State of Alagoas, in their daily lives school. The importance for the formation of individuals in a society is also the responsibility of the school, especially the teacher. This perspective applies to the construction of the plural identities that the students possess about the black identity. The compulsory teaching of Afro-Brazilian History and Culture is guaranteed by law arising from the struggles of the various black movements in the struggle to achieve equality and disqualification from racism in the classroom. The research was carried out in schools of the municipal public school and directed to the teachers of History, carried out using the investigative questionnaire, the FEF (Free Evaluation Form), and content analysis by Laurence Bardin (1977) and Oral History by Verena Alberti (2005), being processed the data, later, and discussed in the results present in this work. It is noticed the lack of knowledge directed to the theme, including by the professionals who should work these concepts in the classroom. Thus, the applicability of legislation is insufficient when faced with reality, considering that there is no follow-up of the effectiveness of the work, and there are few investments in continuing education for these professionals, especially for those who have completed graduation prior to the implementation of the laws. the lack of interest of some teachers to participate in the meetings focused on the area.

Key-words: Teaching History; Afro-Brazilian culture; Teachers representations.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
1 INTRODUÇÃO	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Representações sociais e identidade.....	9
2.2 Ressignificação do ensino da história e cultura afro-brasileira	12
3 METODOLOGIA.....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
4.1 Ficha de Associação Livre.....	16
4.2 Entrevista guiada por roteiro	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE 1 - FICHA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE	29
APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	30

1 INTRODUÇÃO

A cultura, dentro do campo da história, é um tema bastante discutido, porém ainda longe de conclusões no que se refere às lacunas existentes em face à falta de concordância entre os historiadores e demais cientistas sociais. De fato, as ocorrências do século XX foram favoráveis para o desenvolvimento das ciências humanas, principalmente ao final do período citado, pois foram diversas as discussões acerca da constituição do pensamento teórico, filosófico e metodológico abrangendo as esferas éticas e estéticas nas narrativas históricas.¹ Sendo a atuação no campo das ciências humanas essencial para a formação cultural nacional e principal fonte da identidade cultural dos sujeitos sociais na atualidade. Desse modo, a transferência da informação das culturas antigas, além do modo como transmitidas, formam, gradualmente, a identidade cultural moderna.²

Da mesma forma que ocorre no campo científico, a lacuna na construção da compreensão sobre a cultura se reproduz como desafio epistemológico no ensino de história, sobretudo na abordagem do tema e na articulação entre a teoria e a prática em sala de aula. Esse contexto tem se desenhado, sobremaneira, no que concerne às discussões engendradas acerca da História e Cultura Afro-Brasileira³. As determinações legais, estabelecidas em um Estado democrático na forma de Leis advindas dos poderes executivos Federais, Estaduais e Municipais, intentam o fortalecimento das identidades africanas e afro-brasileiras estreitamente ao fomento da cultura política⁴ e histórica da diversidade cultural pela valorização da variação multiétnica nacional, assim, garantido, por consequência, os direitos da sociedade afrodescendente e combater o racismo e discriminação na sociedade em geral⁵.

Essas ações visam à afirmação das identidades, que devem estar presentes nas narrativas

¹ Fonte: GOMES, Gustavo Manoel da Silva. **Representações da África nas práticas de ensino de histórias e culturas africanas na sala de aula**. In: MOREIRA, Harley Abrantes (org.). **Africanidades: Repensando identidades, discursos e ensino de História da África**. Olinda; Livro Rápido, p. 38-65, 2012, p.39.

² Fonte: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p. 47-48.

³ Nota: Noção regulamentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei Nº 9.394 de 1996 através da Lei Nº 10.639/2000 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica e implementada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana estabelecidas pela Resolução Nº 01, de 17 de junho de 2004

⁴ Nota: De acordo com Almond (*apud* Rennó, 1998, p. 71) a cultura política é definida como a soma de orientações subliminares de uma população, às quais podem ser atribuídas como conhecimentos, crenças e sentimentos de uma sociedade que se agregam desde à infância repassando para a vida adulta as características de comportamento que influenciarão na maneira como os sujeitos socializarão em conjunto acarretando no desempenho econômico da nação.

⁵ Fonte: ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, p. 5-20, jan/jun 2008, passim.

históricas construídas, principalmente, nos livros didáticos na medida em que traz significados e sentidos específicos para a sociedade no momento de formação dos indivíduos dentro da escola. Afinal, que aspectos dessa desigualdade que caracteriza o que chamamos de racismo⁶ devem ser considerados para justificarmos a existência dessas leis e a pertinência dos debates sobre a cultura afro-brasileira no ensino de história?⁷

Num primeiro momento, ao que tudo indica essas discussões acerca da importância da formação dos indivíduos abarcam, preferivelmente, ao campo das relações nas práticas educativas em face à diversidade cultural existente no Brasil, em especial para a área da história da África e suas vertentes presentes na construção história de nossa nação (no tocante à sua formação social, cultural, étnica, racial, religiosa e política). Contudo, elas aludem também ao campo das relações étnico-raciais, onde experimentamos cotidianamente formas de nos relacionarmos uns com os outros, considerando critérios raciais. Essas relações raciais que vivenciamos em nosso país possuem características específicas e foram historicamente construídas a fim de legitimar formas de poder e dominação.⁸ Citar, mesmo que brevemente as problemáticas dessas relações desiguais cujo nosso cotidiano não nos deixa perceber, é um exercício não só intelectual, mas, também, político no reconhecimento da legitimidade de se discutir história e cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras.

Entre as antigas marcas da desigualdade étnico-racial no Brasil é a econômica, o acesso ao saber, ao poder e ao consumo entre negros e brancos ainda se apresentam de maneira desigual em sua estruturação, evidenciado uma população negra que ainda é excluída economicamente, inferiorizada socialmente e marginalizada por uma cultura considerada dominante.⁹ Dessarte, a gênese da diferenciação entre negros e brancos, assim como ricos e pobres, advém dos preceitos arcaicos e que perduram na sociedade moderna criando um abismo entre aqueles que, racionalmente, não apresentam diferenças entre si e que desfoam dos problemas concretos e cotidianos. Assim, não cabe aqui esquadrihar as muitas teorias raciais, mas entender as imbricações que a estipulação das raças engendra nas desigualdades sentidas pela sociedade,

⁶ Nota: De acordo com a Constituição Federal (1988), onde está descrito no Artigo 5º, Inciso XLII que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” baseando-se no princípio que o Estado democrático visa o bem estar e direitos sociais e individuais dos brasileiros, assim a população não pode ser submetida a qualquer tipo de tratamento que sejam embasados por diferenças biológicas e sociológicas sob a possibilidade de responder penalmente por ações que, inclusive, aos direitos humanos básicos definidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamado em 1948 pela Organização das Nações Unidas, e onde está descrito em seus 1º e 2º Artigos que todos os seres humanos são iguais em direitos.

⁷ Fonte: MORAIS, Marcus Vinicius de. **História integrada**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, p. 201-217, 2013, p. 202.

⁸ Fonte: DURHAM, Eunice. Cultura e ideologia. **Dados - Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 71-89, 1984, p. 72.

⁹ Fonte: DURHAM, Eunice. Op. cit.

principalmente, a negra que deixa de ser assistida quando tem seus direitos cerceados pela própria sociedade e assumidos em forma de exclusão parcial, por vezes integral, de núcleos sócio-econômico-culturais.¹⁰

De acordo com Marcelo Paixão¹¹, o problema na baixa integração da população negra no mercado de trabalho decorre aos dilemas recorrentes da política social que estruturam o sistema como a sociedade está organizada remetendo à forma de organização dos mercados ainda no passado. Contudo, em análise complementar, Edson Borges¹² afirma que o Brasil assiste a uma conjuntura de transformações históricas da cultura nacional proveniente dos questionamentos dos chamados “sujeitos coletivos” em busca do reconhecimento da diversidade e respeito às diferenças na perspectiva de se (re)construir uma nova sociedade em relação aos conceitos e ações. Neste contexto, surgem diferentes movimentos sociais, lutando por políticas públicas que diminuam os abismos sociais e garantam a equidade.

Outro fator a ser considerado é a vertente a qual considera que a sociedade brasileira ultrapassou as diferenças das barreiras raciais. De acordo com esta concepção, o racismo é negado devido à aplicação do conceito da mestiçagem das raças, entretanto essa simplificação é errônea, pois negar que o racismo existe significa, não apenas, negar a existências dos grupos étnicos que compõem a sociedade, mas que essas mesmas raças ocupam lugares diferenciados em termos de privilégios e exclusões historicamente construídas. Os argumentos que negam a raça¹³ e racismo possuem uma base de argumentação pautadas na biologia, na natureza das coisas, na genética e não na história, na sociologia ou demais ciências sociais. Esta escolha não é apenas teórica, mas também política, por ser usada como forma de deslegitimar as pautas políticas de uma população discriminada e excluída justamente pelo seu pertencimento racial¹⁴.

Destarte, a preocupação com a discussão científica e a problematização das noções de cultura africana e afro-brasileira ganham destaque no cenário nacional brasileiro abandonando

¹⁰ Fonte: SEYFERTH, Giralda. **O beneplácito da desigualdade**: breve digressão sobre o racismo. In: **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002, passim.

¹¹ Fonte: PAIXÃO, Marcelo. **Da lenda à esfinge: sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo**. In: D’ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira (Org.). **Afro-Brasil debates e pensamentos**. Rio de Janeiro: Casará Editora, p. 17-34, 2015, p. 21.

¹² Fonte: BORGES, Edson. **Reflexões sobre o campo das humanidades, a história, a educação e o ensino de história da África no Brasil**. In: D’ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira (Org.). **Afro-Brasil debates e pensamentos**. Rio de Janeiro: Casará Editora, p. 165-196, 2015, p. 175.

¹³ Nota: Ao referirmo-nos ao termo “raça”, neste trabalho, a conotação fica implícita “enquanto expressão social e histórica” e não biológica, pois em relação à biologia dos seres, todos os indivíduos são humanos da mesma maneira. Negar o racismo, baseado nos aspectos biológicos que definem que não existem raças, sendo considerada apenas a humana, corresponde a contribuição do racismo em sociedade.

¹⁴ Fonte: WEDDERBURN, Carlos Moore. **Para uma nova interpretação do racismo e de seu papel estruturante na história**. In: D’ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira (Org.). **Afro-Brasil debates e pensamentos**. Rio de Janeiro: Casará Editora, 2015. P. 404-453, p.408.

a concepção vulgar dos aspectos relacionados à historicidade da herança cultural africana que conduzem as discussões para as esferas políticas no fomento e prática da afirmação da cultura pelo abandono dos estereótipos que inferiorizam uma raça inteira devido às leituras burlescos e exóticos atribuídos na constituição da história. A guinada nos eventos de ressignificação da cultura afro-brasileira é possível com a participação do Estado e a criação de leis que estabeleçam as diretrizes norteadoras para a classe da educação, em busca da definição cultural-política que enalteça a sociedade como um todo. Assim, a prática de ações que dá representatividade à cultura negra surge a partir dos discursos emanados com o aporte das políticas culturais expressas em forma de leis e documentos orientadores e normalizadores do discurso da história e cultura afro-brasileira e africana.¹⁵

É a partir destas considerações que este trabalho pretende discutir as representações da Cultura Afro-Brasileira as escolas pela perspectiva da representação dos docentes que lecionam história da rede municipal de ensino da cidade de Delmiro Gouveia – Alagoas, pois eles possuem lugar especial frente à responsabilidade de discutir essa temática no cotidiano de ensino.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Representações sociais e identidade

Recentemente, as discussões acerca da cultura e pluralidade cultural tem tomado espaço cada vez maior entre os professores fazendo parecer que a educação passa por uma fascinação, como se esse tema fosse algo encantado e que solucionasse os impasses sociais em busca da valorização do ambiente escolar. Porém, essa inserção da cultura dentro do ambiente escolar visa o aprimoramento da autoestima dos alunos e, desse modo, reforçar as identidades que estes possuem frente à sociedade, ampliando as referências de elementos de significação social. Devido a ser um tema recente, sua conceituação ainda não está completamente definida e acaba por se confundir com temas semelhantes e a busca do entendimento dos sujeitos culturais. Assim, estudar a cultura afro-brasileira e africana, muitas vezes, tem se confundido com estudar

¹⁵ Fonte: GOMES, Gustavo Manoel da Silva. **A cultura afro-brasileira como discursividade: histórias e poderes de um conceito**. 2013. 183f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) Universidade Federal Rural de Pernambuco – Departamento de História, Recife, 2013, *passim*.

a pessoa negra. Entremeia-se com os problemas de raça, provocando uma discussão entre os teóricos que se dividem entre definir o limite entre o social e racial.¹⁶

Paralelamente à conceituação de cultura na busca de significação e afirmação dentro do organismo social, Denise Jodelet afirma que a manifestação das representações sociais tem suscitado diversos trabalhos na área da Psicologia Social, no campo das Ciências Humanas e Sociais, e apresentando atitude nos aspectos teóricos e aplicados em decorrência das variadas metodologias de abordagem em laboratório e campo. Mas, o essencial desse conceito se define no fato que sempre será necessário estarmos consciente do mundo que nos cerca, pois, esta consciência nos torna capaz de conhecer e participar, além de dominar, física ou intelectualmente, as circunstâncias que norteiam a participação em sociedade. É justamente a consciência formada pelo sentido de representatividade social que leva o indivíduo a conhecer seu lugar na sociedade atribuindo significação ao sujeito em relação à complexidade dos processos cognitivos identitários.¹⁷

Destarte, na gênese da teoria das representações sociais, na tentativa de estabelecer os arquétipos de compreensão dos fenômenos advindos da psicologia humana, a teorização advém das representações coletivas de Durkheim¹⁸, porém esta abrangia uma vasta categorização de elementos psicossociais de baixa produtividade que proporcionam lacunas na definição dessas representatividades em vista os aspectos sociológicos associados à *psiqué* humana¹⁹. Desse modo, Rafael Sêga²⁰ conclui que as representações sociais surgem como uma maneira de evidenciar a realidade habitual pela expressão nos componentes psicossociais associados à guarnição cultural, simbologias, códigos, linguagem, imagens, ou seja, tudo aquilo que traduz sentido e valida os eventos cotidianos. Logo, o que chamamos de representações da Cultura Afro-Brasileira aqui diz respeito às formas como essas representações são trabalhadas pelos educadores em sala de aula em vista à aplicação na definição das identidades sociais dos educandos, baseando-se, *a priori*, na multiculturalidade que constitui a sociedade brasileira.

¹⁶ Fonte: NAPOLITANO, Marcos. **Cultura**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, p. 73-118, 2013, p. 73.

¹⁷ Fonte: JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio de expansão**. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 17-44, 2001, p. 17.

¹⁸ Nota: O conceito de representação social de Durkheim que, originalmente, orbita pela sociologia havia sido obliterado, porém assume nova significação no campo da psicologia social com forças renovadas, essencialmente a partir da segunda metade do Século XX com Serge Moscovici e Denise Jodelet. (SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, Porto Algere, n. 13, p. 128-133 jul. 2000).

¹⁹ Fonte: ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002.

²⁰ Fonte: SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, Porto Algere, n. 13, p. 128-133 jul. 2000, p.

E essa construção de identidades é que tem sido, nos últimos anos, motivo de discussão entre os historiadores e antropólogos atribuindo à ideia de uma pluralidade cultural que contribui para valorizar os “sujeitos sociais anteriormente negligenciados”, entre eles os índios e negros. Esses indivíduos lutando por notoriedade nas abordagens recentes nos estudos interdisciplinares das áreas históricas e antropológicas.²¹

De natureza semelhante, Rebeca Gontijo²² e Larissa Viana²³ ressaltam que a identidade nacional pode ser construída conjuntamente com a perspectiva histórica resultando no processo outorgante à significação da sociedade, naquele que concerne à representação da comunidade, sendo esta imaginada a partir das nuances apresentadas nos âmbitos cognitivos e atuação social e política da comunidade. Destarte, surgem as discussões acerca das identidades raciais, tracejando as identidades culturais, provenientes das referências multirraciais conduzindo ao debate sobre as relações raciais que, no Brasil, marcaram a história da escola no que se refere ao racismo silencioso advindo da discriminação. Nesse sentido, as discussões estão presentes nos planejamentos nacionais, os PCNs, com a finalidade de extirpar esse comportamento da sociedade pela promoção do conhecimento dessas identidades e, conseqüentemente, findar com a vulgarização das tipologias associadas à cultura afro-brasileira e africana.

Nesse contexto, a noção de representações sociais aplicada à educação se traduz no estímulo da extirpação das desigualdades sociais utilizando o estudo das atribuições e percepções do conjunto comportamental da sociedade. O estudo das representações sociais aponta para veredas que possibilitem a melhoria das condições sociais e mitigação dos problemas inerentes à sociedade que, inicialmente aparentam indissolúveis. Entretanto, existem diversas maneiras de interpelar as representações sociais aplicando-as efetivamente pela associação do imaginário que recai simbolicamente sobre os sujeitos. Desse modo, estabelecidas a natureza das representações sociais a partir de Jodelet, pensamo-la no campo da educação a fim de construir uma abordagem²⁴ que nos permita compreender as representações que embasam os saberes dos professores de história que atuam no sertão alagoano.

²¹ Fonte: AZEVEDO, Cecília; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Identidades plurais**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 25-26, 2009, p. 25.

²² Fonte: GONTIJO, Rebeca. **Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como “patrocínio sócio cultural”**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 55-82, 2009, p. 55.

²³ Fonte: VIANA, Larissa. **Democracia racial e cultura popular: debates em torno da pluralidade cultural**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 103-115, 2009, p. 107.

²⁴ Nota: No desenvolver da análise das representações sociais, fica entendido que não há uma maneira canônica de apresentar uma metodologia que sirva para todos os demais casos. Assim, é preciso construir uma que se adeque às necessidades do objetivo e elaborando um sistema ao qual deve seguir para a obtenção de sucesso.

2.2 Resignificação do ensino da história e cultura afro-brasileira

Hebe Mattos ressalta o caráter de intervenção profunda que os PCNs intentaram na forma de organização do ensino no Brasil no que concerne a definição da cultura da pluralidade na ênfase de unir a sociedade brasileira pela educação através do estímulo das tradições e práticas culturais diferenciadas “educando para a tolerância e o respeito às diversidades”, sejam elas relacionadas às culturas, linguagens, etnias, religiosidades e regiões.²⁵

Nessa perspectiva, verifica-se uma deficiência na informação histórica, principalmente em relação a história da África e cultura afro-brasileira e africana, presente nos PCNs, conduzindo à dificuldade na abordagem dos conteúdos que parecem caminhar lentamente na direção do ideal para o tema da abordagem dos conteúdos da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Os PCNs incutem na imagem de separação em culturas fechadas na forma de tratamento destas e que difere do que se idealiza na legislação que confere as diretrizes no ensino da história da África, além dos elementos culturais associados do continente africano e o Brasil, através da LDBEN Lei Nº 9.394/96 e Lei nº 10.639/2003²⁶. Assim, é preciso romper com a abordagem ambígua sobre a identidade negra no Brasil, oriunda da experiência da escravidão difundida pelo Atlântico e o racismo, revela a forma de escravidão moderna da sociedade em decorrência da experiência difundida ao longo da história para a construção de uma imagem real para dar maior significação representativa à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana²⁷.

Essa discussão presente nos PCNs transporta para o tema do Livro Didático (LD) utilizado na rede pública de ensino e regulamentado desde 1997 com o Programa Nacional para o Livro Didático (PNLD), sendo esse o principal instrumento didático utilizado nas aulas de história pelos professores, o qual confere o direcionamento do conteúdo a ser trabalho nas aulas. A carência em abordagem dos conteúdos é evidenciada desde a década de 1980, quando, estudos realizados na área da Educação e Ensino, já mostravam a insuficiência no material utilizado à época e que, apesar dos esforços das políticas públicas, ainda são inadequados para tratar de temas tão essenciais para a formação das identidades nacionais, principalmente no que

²⁵ Fonte: MATTOS, Hebe Maria. **O ensino de história e a luta contra a discriminação racial no Brasil**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 127-138, 2009, p. 127.

²⁶ Fonte: ABREU; MATTOS, 2008, passim.

²⁷ Fonte: MATTOS, op. cit., p.129.

se refere à identidade negra.²⁸

Na associação do contexto onde o entendimento da problemática instituída pelas formas como se tem criado generalizações acerca da construção histórica de uma cultura e as dificuldades de reconhecimento da diversidade que as culturas possuem, naturalmente, entre si²⁹, surge a complexidade da construção das narrativas históricas que podem tender para a vulgarização dos estereótipos, assumindo significação, a partir de um contexto irrisório e sem valor, para o fomento da identificação das representatividades.

Com a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas de Educação Básica estabelecidas pela Lei 10.639/2003, percebe-se que o tema passa a ser ainda mais discutido e revisto, porém, ainda existem muitas noções que não correspondem à realidade e apresentam uma visão folclorista sobre a África, tanto em aspectos físicos quanto sociais e culturais.³⁰

Para isso, o caminho apresentado por Edson Borges é a formação dos professores que ensinam a disciplina História estabelecendo uma relação entre os gestores, as escolas, as universidades e a sociedade reforçado pelos diversos elementos documentais que compõem o sistema educacional, sejam os currículos, materiais didáticos, livros, etc. e, dessa maneira, reformular os conceitos conforme novas problemáticas que levem a aprendizagem de novos valores, identidades, além de reformular normativamente os conceitos de integração e respeito dos diversos grupos que compõem a sociedade.³¹

3 METODOLOGIA

Para Lakatos e Marconi, a pesquisa é um procedimento lógico e sistemático que objetiva a reflexão de um problema pela investigação científica na busca de aporte que sustente as afirmações dadas para a solução de um problema. Destarte, a pesquisa passa por fases lógicas que encaminham para a elucidação das questões abordadas. Uma das fases mais importantes é o levantamento de dados, seja na bibliografia disponível para pesquisa ou na coleta de informações do objeto pesquisado, neste presente caso, as representações de cultura afro-brasileiras dos professores que atuam na área de ensino de História do município sertanejo de

²⁸ Fonte: GOMES, 2012, p. 43.

²⁹ Fonte: MATTOS, Op. cit., p. 127.

³⁰ Fonte: GOMES, Op. cit., p. 47-48.

³¹ Fonte: BORGES, 2015, p. 185.

Delmiro Gouveia, localizado no Estado de Alagoas.³²

Assim como Jodelet³³ e Durham³⁴ afirmam, a identificação da representação social é a busca da significação entre o objeto e o sujeito a partir da vivência social e que determina sua identificação pessoal com a maneira como a sociedade representa o ser social conferindo-lhe, então, a designação de identidade social.

Na realidade, a observação das representações sociais é algo natural em múltiplas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais. (JODELET, 2001, p. 17-8).

Destarte, para compreender a vivência social na prática do ensino de história e, desse modo, estabelecer o entendimento da representatividade que o tema do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira agrega ao profissional da educação em seu campo de atuação. Desse modo, foi utilizada a Ficha de Associação Livre³⁵ (FAL), instrumento de pesquisa baseado no estudo de Alexandre Rômulo Alves de Amorim, sendo escolhido dentro da metodologia disponível de pesquisa, pois esta tem o objetivo de explicitar os modelos inseridos na identificação social dos professores pesquisados no referente à prática do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas municipais delmirenses. A FAL foi aplicada durante a primeira parte das entrevistas realizadas com os professores da rede municipal de ensino ocorrida na primeira semana do mês de maio do ano de 2017. Na ocasião, ocorria o encontro pedagógico promovido pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) que acontece, usualmente, antes do início do ano letivo nas escolas públicas municipais delmirenses. No local, estavam divididos os professores em oficinas temáticas orientadas por profissionais da área de ensino e a oficina escolhida foi a de Ensino de História e cultura afro-brasileira, ministrada pelo professor do curso de História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, Gustavo Gomes. Assim, foi aplicada a FAL aos 11 (onze) profissionais que se encontravam no local do encontro pedagógico, sendo um deles não pertencente à área de História.

Assim, os professores foram explicados da função do objeto da coleta de dados, o

³² Fonte: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003, passim.

³³ Fonte: JODELET, 2001, p. 27.

³⁴ Fonte: DURHAM, 1984, p.79.

³⁵ Nota: O instrumento de pesquisa está baseado, livremente, ao Teste de Associação Livre, o TAL, utilizado na pesquisa de Alexandre R. A. de Amorim, de 2004, e carrega a experiência do autor no levante das representações sociais acerca da Educação Patrimonial e Patrimônio, porém as semelhanças se encerram no uso da ferramenta de pesquisa, pois se diferem amplamente quando se intenta a compreensão acerca da visão abordada nos dois estudos, além do universo de pesquisa utilizados.

questionário investigativo, na busca de promover o levantamento da reflexão acerca da dimensão simbólica dos elementos representativos do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. A segunda parte do levantamento de dados consistiu na análise dos dados obtidos pela FAL à luz da metodologia da análise de conteúdo a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin no tratamento de dados oriundos do discurso e classificados de acordo com sua categorização lexical agrupando semanticamente as palavras que possuem significação semelhante e as que possuem desconexas, porém que carregam uma dependência funcional interna e externamente às frases³⁶.

Seguindo os princípios de Laurence Bardin³⁷ e Alexandre Amorim³⁸, os dados da FAL foram tratados na forma de gráficos separando-os por categorias de análise, onde as correspondências das respostas encontradas foram analisadas pela associação com o contexto de significação e identificação com a categoria pesquisada através da utilização da FAL na busca de elucidação do enquadramento e inserção dos indivíduos pesquisados no posicionamento dos profissionais diante do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira apresentados, a seguir, neste trabalho.

Soares e Barbosa afirmam que, durante a pesquisa, o método é uma das questões mais importantes e que se constitui em relação à sua base teórica que revelam os princípios que norteiam a pesquisa, além das normas e procedimentos a serem adotados. Assim, sob a perspectiva da psicologia, a historicidade do sujeito se constitui em relação a outros elementos, como a cultura promovendo a auto confrontação do sujeito para que este mude o modo de pensar e agir a partir da influência do método adotado na abordagem. Dessa maneira, o método é importante ferramenta para se abordar um tema, claramente embasado por uma teoria que sustente suas afirmações, sendo capaz de modificar o modo de agir e pensar em sociedade.³⁹

Para complementar os dados obtidos com a FAL, assumindo que estes ainda carregam informações pouco maduras para o estabelecimento dos objetivos desta pesquisa, buscou-se o aporte em outra ferramenta da pesquisa na obtenção de dados: a entrevista guiada por roteiro. Afinal, de acordo com Verena Alberti⁴⁰ a história oral é uma forma de pesquisa e que exige do pesquisador o respeito pelos fatos percorridos nas entrevistas na busca da significação social

³⁶ Fonte: BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 217.

³⁷ Fonte: Op. cit., passim.

³⁸ Fonte: AMORIM, 2004, p. 121.

³⁹ Fonte: SOARES, Júlio Ribeiro; BARBOSA, Sílvia Maria Costa. **O movimento do sujeito na pesquisa qualitativa de auto confrontação simples e cruzada**. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith *et al.* (Org.). **Estudos sobre a atividade docente aspectos teóricos e metodológicos em questão**. São Paulo: EDUC; EDUFAL, P. 41-53, 2010, p. 41.

⁴⁰ Fonte: ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, passim.

dos indivíduos. Assim, a escolha do tipo de entrevista é essencial para se obter as informações necessárias para dar prosseguimento à pesquisa, onde as entrevistas podem ser realizadas sob uma temática em particular ou com a obtenção de relatos de vida. Ambas as formas de entrevista são capazes de fornecer amplo material a ser trabalhado, porém quando se estabelece um direcionamento para a pesquisa, a entrevista guiada por uma temática é a melhor escolha a se fazer quando se pretende absorver fatos de uma realidade idealizada.

Para a aplicação da entrevista realizada com alguns profissionais da área do ensino de História, foram selecionados 3 (três) profissionais que atuam dentro do quadro de profissionais responsáveis pelo ensino de História nas escolas públicas municipais. Dentre esses profissionais escolhidos para esta fase da pesquisa, uma participação é considerada essencial, pois se trata da representante da SEMED e que dá voz à atuação nas políticas públicas na área dentro do universo da educação municipal. As entrevistas seguiram um roteiro preestabelecido objetivando o estabelecimento de coerência na definição das representações sociais⁴¹ relativas ao objeto de pesquisa, ou seja, os elementos que permeiam o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira através do papel da comunicação social utilizado pelos professores no exercício de sua profissão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Ficha de Associação Livre

Como resultado da aplicação da Ficha de Associação Livre (FAL) aos professores presentes no encontro pedagógico de 2017, predecessor ao início das aulas da rede municipal de ensino, e norteador para os planejamentos individuais dos profissionais da educação da SEMED, estão apresentadas as respostas obtidas na aplicação do instrumento de pesquisa.

Inicialmente, o FAL solicitou a associação de, até 6 (seis) palavras que serviriam para designar as categorias lançadas à cada profissional e, assim, avaliar o que estes exprimem como entendimento acerca da representação da disciplina de História individualmente, de modo a não oferecer alternativas a serem preenchidas e, assim, cada indivíduo agregar palavras que deem sua significação pessoal ao tema. Desse modo, no Gráfico 1, a seguir, estão presentes as respostas encontradas que foram agrupadas em categorias de repetição representando a minoria das respostas semelhantes/iguais. Apenas 9 (nove) palavras foram encontradas repetidas nas 66

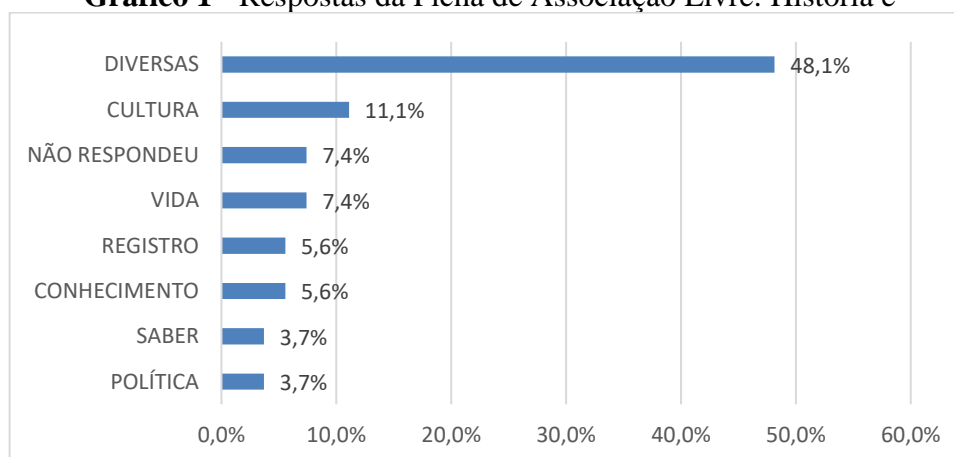
⁴¹ JODELET, 2001, p. 22.

opções de palavras possíveis existentes para cada categoria registrada na FAL.

Desse modo, ao analisar as respostas obtidas na primeira categoria pesquisada (História é:), das associações é percebido que a maioria das respostas divergem, representando mais de 48% das respostas obtidas. Esse alto valor revela a discrepância no entendimento acerca da disciplina para os profissionais da área evidenciando a diversidade no entendimento mútuo acerca da aplicação da noção da disciplina no campo das Ciências Sociais. Essa divergência em opiniões é aceitável dentro da noção de representações sociais⁴², pois não há apenas um conceito de história, como também as respostas evidenciam não apenas abstrações conceituais, mas também, entendimentos de alguns professores da história como processos reais vividos ao longo da história da humanidade.

As respostas obtidas a partir da categoria 1 da FAL estão relacionadas de acordo com as técnicas de análise de conteúdo de Bardin⁴³, sendo apresentadas a seguir no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Respostas da Ficha de Associação Livre: História é



Fonte: Leide Daiane Barros de Aquino, 2017.

Das respostas que não se repetem enquadradas na série Diversos estão: relacionar; resistência; romper fronteiras; social; socialização; tolerância; trabalho; vivência; análise; construção; contextualização; cronologia; dedicação; ensino; essência; experiência; herança; investigar; memória; ousar; passado; pesquisa; presente; produção; raiz; e, reflexão, exprimindo a variedade nas respostas obtidas com o total de 48,1% das respostas. Desse modo a significação de representação social, a partir da expressão pessoal de cada entrevistado, variando conforme

⁴² Nota: Os sistemas de interpretação das palavras associados às representações sociais assumem a relação com o espaço e tempo orientando o sujeito a como agir em sociedade e desenvolvendo suas capacidades pessoais e coletivas. Desse modo, a pertença social é algo pessoal e advindo das capacidades cognitivas de cada ser e transmitidas na comunicação social das ações do pensamento humano (JODELET, 2001, p. 22)

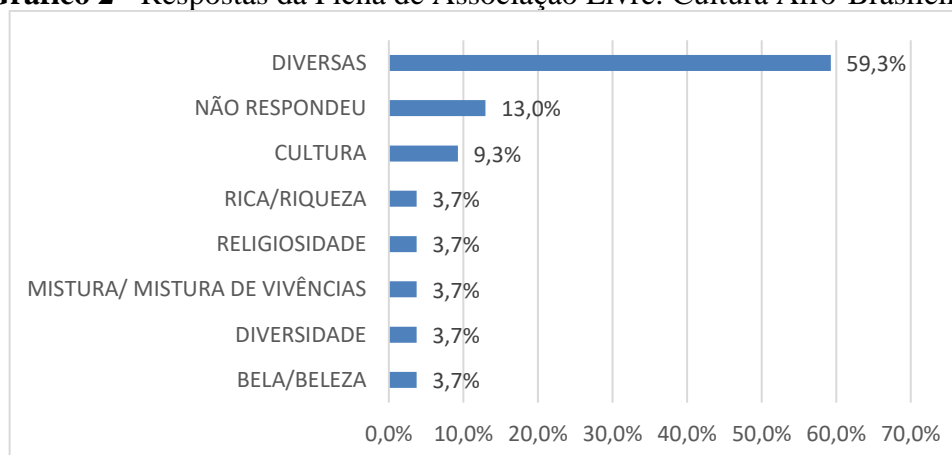
⁴³ Fonte: BARDIN, 1977, p. 217.

as noções cognitivas individuais, mas coincidem quando, mesmo sendo díspares, as palavras associadas acarretam cunho social, mesmo que em sentidos diversos.

Contíguo às respostas presentes no gráfico anterior, abaixo, encontram-se as respostas acerca do entendimento dos profissionais no que concerne à África. Assim, semelhantemente a questão anterior, a maioria das respostas divergem, ou seja, não se repetem atingindo 38,9% das respostas obtidas. A variação entre as respostas que foram identificadas em repetição aos entrevistados aumentou, apesar de, no contexto geral, representarem a maioria. Portanto, ainda não se apresenta regularidade no entendimento acerca da identificação da África no estudo/ensino de História. Da série Diversos, estão relacionadas as seguintes respostas: ancestralidade; berço; candomblé; descendência; desigualdade; estudo; fé; fome; força; guerreiros; início; luta; mãe; mistura; natureza; povo; religiosidade; resistência; superação; terra-mãe; violência. Porém, das respostas semelhantes que aparecem com uma frequência maior estas assumem, na análise lexical, sentidos óbvios no apontamento de características naturais como o “negro/negra” designando a raça do povo; ou “país”, conceito aplicado erroneamente, pois trata-se de um continente. Assim, a variação entre as dependências da significação permeia as áreas de estudo formais, como as Ciências Naturais e Humanas, mas também do senso comum.

Dialogando com a representação de África, trazemos outro Gráfico (2) que apresenta os resultados acerca de outra categoria: Cultura Afro-Brasileira, onde a diferença no entendimento dos aspectos desta categoria investigada é esmagadora, pois quase 60% das respostas não coincidem e, cerca de 13% das respostas não foram apresentadas, pois os entrevistados não responderam todas as opções possíveis para a categoria pesquisada, por não haver palavras que preenchessem todas as lacunas ou, ainda, não participar da entrevista de modo pleno.

Gráfico 2 - Respostas da Ficha de Associação Livre: Cultura Afro-Brasileira é

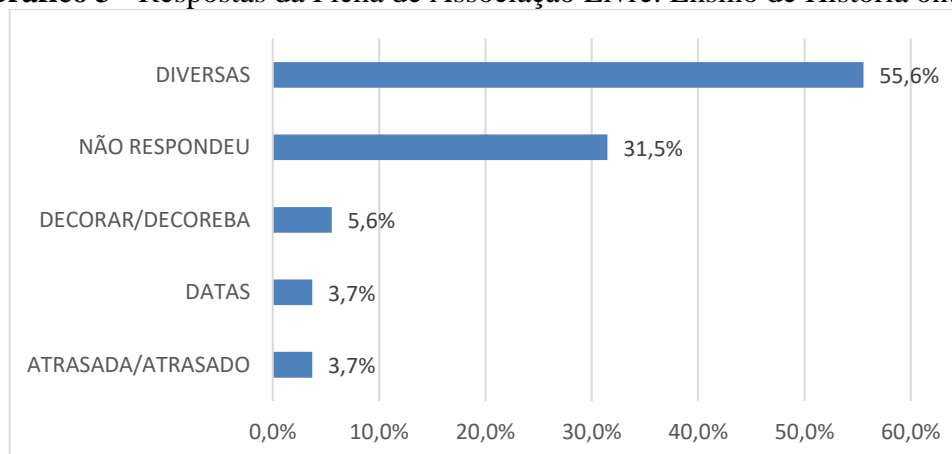


Fonte: Leide Daiane Barros de Aquino, 2017.

A diversidade de respostas, onde representa 59,3% do total de palavras, destacam-se: ancestralidade; autoafirmação; autoconhecimento; axé; barreiras; Brasil verdadeiro; conflitos; conhecimento; culinária; curiosa; dança; descendência; enfrentamento; entendimento; guerreira, herança; identidade; importante; inserir; instigante; música; preconceito; produção; raças; raiz; reconhecimento; reflexão; rejeitada; resistência; saber; sociedade; vida. Assim, este trabalho não pretende julgar a firmeza de resolução das respostas ou ânimo de participação do entrevistado, evidenciando o distanciamento no entendimento conjunto acerca da categoria, mas relacionar as significações entre os conceitos adotados individualmente que retornam o sentido possivelmente propagados em suas práticas de ensino.

A irregularidade na apuração dos resultados se repete na quarta questão do FAL, apresentada no Gráfico 4, a seguir, onde se pretendeu assimilar as aspirações pessoais dos professores sobre o que seria o ensino de História “no passado”. Destarte, mais de 55% das opções de respostas divergiram entre os profissionais pesquisados e, fato preocupante, mais de 31% não responderam as associações para a categoria pesquisada. Assim, menos de 15% das respostas coincidiram centralizando-se em apenas 3 (três) opções de respostas, consideradas depreciativas pelos entrevistados para a prática do Ensino de História aplicado no passado, sendo as palavras coincidentes identificadas: Atrasada/Atrasado (3,7%), Datas (3,7%); Decorar/Decoreba (5,56%) evidenciado o caráter negativo das práticas educacionais intentadas anteriormente⁴⁴. Dessarte, as respostas se encontram a seguir, no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Respostas da Ficha de Associação Livre: Ensino de História ontem



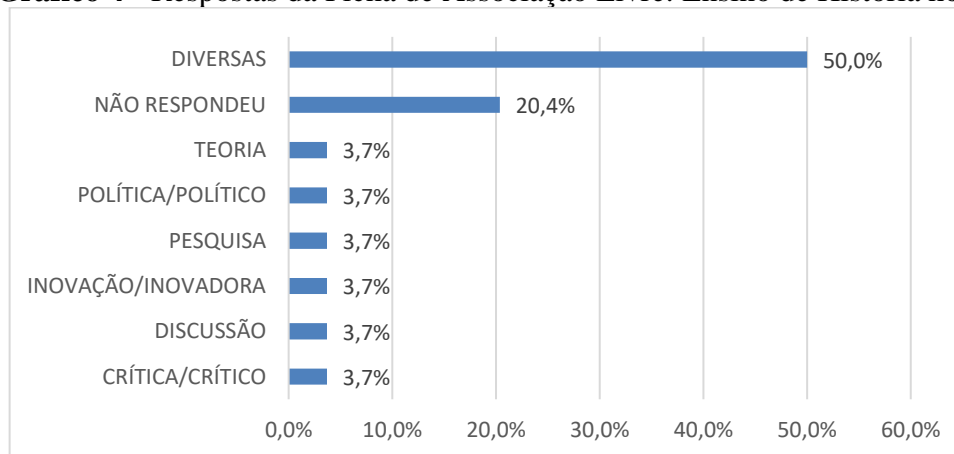
Fonte: Leide Daiane Barros de Aquino, 2017.

⁴⁴ Um adendo ao entendimento dessa categoria pesquisada, consiste na não determinação cronológica das variáveis apresentadas pelos profissionais entrevistados, portanto, o universo a que pertence a significação do “ontem” pode ser entendido anteriormente à legislação vigente e atualizada, às experiências pessoais dos entrevistados ou, ainda, em momento mais recente que as incertezas inerentes à essa investigação.

Ainda atribuindo sentido negativo ao temas, as respostas obtidas na speriie Diversos, totalizando 55,6% das respostas totais, encontram-se as palavras apresentadas pelos entrevistados: acomodado; aprender; arcaico; avaliar; chata; compromisso; conteúdos; desconhecido; desestimulado; desnecessária; dificuldades; disciplinadora; europeizado; indigestiva; ler; manipulado; monótono; ouvir; positivismo; refletir; repetitividade; retrocesso; sem informação; sem sentido; simples; tradicional; transcrição; ultrapassado; verdade absoluta; visão criada. Dessas associações, percebe-se que ao processo do ensino de História, no passado, denota-se a depreciação ao sistema adotado anteriormente.

Dicotomicamente, no Gráfico 4, abaixo, se encontram as respostas opostas ao questionamento anterior. Assim, os profissionais entrevistados foram questionados sobre a significação do Ensino de História na atualidade em sua representação pessoal.

Gráfico 4 - Respostas da Ficha de Associação Livre: Ensino de História hoje



Fonte: Leide Daiane Barros de Aquino, 2017.

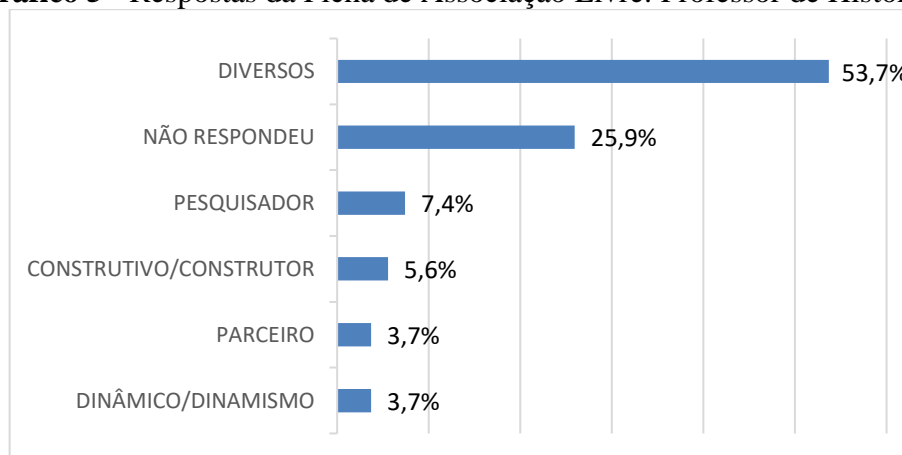
Como respostas, metade das respostas foram variadas e não repetidas (50%), 20,37% das opções são obsoletas, e 7 (sete) opções repetidas foram respondidas obtendo uma frequência de 3,7% das respostas para cada palavra associada. O conjunto de palavras está presente no gráfico, abaixo, assim como suas equivalências de porcentagem. Das respostas variadas, tem-se: analítica; atualidades; atualizado; busca; construtiva; debate; dedicação; desmistificador; dinâmico; econômico; envolvente/desafiador; fontes; frequência; identidade; inserir; instigador; memória; necessário; participação; prático; questionadora; realidade; reflexiva; resgate; social; vivência. Dessas respostas obtidas, a significação passa a figurar como algo instigador e desafiador para o sujeito frente à sua atividade laboral perpassando para o conceito social denotando um otimismo em relação às apreensões registradas na categoria

anterior.

O questionamento seguinte da FAL buscou a identificação da representação dos docentes ao Ensino de História, onde, novamente, a maioria das respostas divergiu (53,7%), sendo apresentadas como alternativas as palavras: amigo; arrojado; atento; atualizado; busca fontes; contextualizador; criativo; dedicado; destemido; diversidade; educador; estudante; guia; identificador; inovador; leitor; mediador; militante; orientador; político; problematizador; produtor; registrador; repensador; sem proselitismo; Sergiana; trabalho; transformador; visionário. Dessas palavras, o sentido expresso enaltece o professor de História com palavras associativas que atribuem adjetivos, porém lembrando que estas ocorrem com a frequência de 1, entre todas as respostas obtidas nas fichas de associação. Analogamente, 25,93% das opções de respostas não foram respondidas, sendo uma abstenção acima de $\frac{1}{4}$ das possíveis associações.

Desse modo, no Gráfico 5, abaixo, encontram-se as respostas para a categoria da FAL, onde estão identificados 4 (quatro) proposições de respostas com repetição: Dinâmico/a (3,7%); Parceiro (3,7%); Construtivo (5,56%); e, Pesquisador (7,41%).

Gráfico 5 - Respostas da Ficha de Associação Livre: Professor de História é



Fonte: Leide Daiane Barros de Aquino, 2017.

Nessa categoria, o sentido dado à participação do professor é paralelo ao processo de educação e produção do conhecimento, assim como a base para construção desse mesmo conhecimento dado aos alunos., porém não assumindo o caráter argumentativo e problematizador obtido na categoria anterior (Ensino de História hoje:), assim relegando a importância na participação do processo de luta e construção da prática no ensino de História quando esta se assume com significação passiva na obtenção de repostas como “parceiro”, “dinâmico”, “dinamismo”.

Em resumo, a FAL encontrou similaridade no quantitativo de respostas obtidas no que se refere à divergência de entendimento das categorias pesquisadas no formulário aplicado. Desse modo, é percebido a fragilidade da unificação da conceituação dos temas pesquisados na FAL.

4.2 Entrevista guiada por roteiro

As entrevistas guiadas por roteiro foram realizadas individualmente e em momentos distintos com os profissionais entrevistados anteriormente, também, pela Ficha de Associação Livre para aprofundar a compreensão a respeito das representações expostas na FAL. Dentre esses profissionais, foi entrevistada o Professor S., integrante da SEMED, e responsável pela pauta no que concerne à organização e apoio ao planejamento das diretrizes aplicadas nas escolas públicas da rede municipal de ensino. Os demais professores entrevistados foram o Professor A., o Professor E. e o Professor C.⁴⁵

O objetivo da entrevista direcionada foi aprofundar a compreensão acerca das problemáticas e características que permeiam o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, assim como, identificar as desafios e possibilidades que o sistema propôs aos profissionais da educação. Deste modo, a seguir serão abordados os pontos mais relevantes das entrevistas, em face às similaridades de ideias lançadas pelos profissionais pesquisados.

Assim, para entender as representações sociais na área do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na busca da significação profissional e pessoal de cada indivíduo pesquisado, os professores entrevistados responderam ao questionamento “Baseado em que você elaborou o conceito de Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Ensino de História e Professor de História?”, onde foram obtidas algumas das respostas a seguir:

Inicialmente na formação que eu tive em livros didáticos e paradidáticos e principalmente a minha formação na UFAL com o professor Gustavo que ministrou a disciplina de África e o professor Aruã, eles foram a base que eu tive para pré-requisito do que é o ensino da África e o ensino Afro aqui no Brasil, sobre ensino de história eu diria que a história é uma disciplina muito difícil de ser trabalhada com o aluno, mas ela é fundamental para se entender a sociedade. Professor de história é mais do que um educador, é um facilitador do entendimento social, é ele que vai tentar fazer com que o aluno entenda a sociedade (PROF^o C., 2017).

⁴⁵ Nota: Os profissionais entrevistados estão identificados com uma das letras iniciais de seus respectivos nomes com a finalidade de preservar suas identidades, pois, por diversas vezes, o tema das conversas perpassam a sala de aula e assumem conotação política, algo não intencionado neste trabalho. Essa escolha deve-se à noção de imparcialidade que a pesquisa necessita assumir frente à distribuição dos dados e informações sem agregar significação pessoais nos resultados.

Principal fonte são as próprias experiências pessoais dentro das religiões da matriz Africana. A disciplina serviu como mecanismo entre a prática e os aspectos do ensino e de prática da militância (PROFº A., 2018).

Assim, vemos os contrapontos onde os profissionais apresentam esse contato com a História e Cultura Afro-Brasileira de maneiras diferentes, alguns possuem essa proximidade em suas vidas cotidianas e pessoais, como, por exemplo, a partir da vida religiosa no candomblé e da militância negra; enquanto outros tiveram sua aproximação devidos às causas profissionais e/ou durante sua educação superior.

Quando questionados acerca da participação em capacitação na área temática, uma das professoras entrevistadas respondeu que:

Eu tive uma capacitação através do PIBID e outra em Água Branca, onde também trabalho, mas aqui em Delmiro nenhuma, o que tivemos aqui na escola foi eu que trouxe Gustavo para dar uma oficina, com certificado (PROFº E., 2017).

Ainda não tive nenhuma capacitação, o que aprendi foi apenas na universidade, e o que busquei foi sozinha, está lá que o município tem que promover, mas não acontece. (PROFº C., 2017).

Sim. Por iniciativa da CRE [**Coordenadoria Regional de Ensino**], entre convênio entre o Estado e UFAL. Uma vez, por necessidade da obtenção do Selo UNICEF, apenas para coordenadores e diretores. (PROFº A., 2018).

Assim, as particularidades acerca do acesso à capacitação na área da História e Cultura Afro-Brasileira variam no que concerne ao atendimento das dificuldades dos profissionais de serem atualizados na temática e, desse modo, aprimorem suas capacidades pessoais e profissionais na prática do ensino aos educandos. No caso específico do município de Delmiro Gouveia, a carência na oferta de capacitação é confirmada pelo Profº S., à frente da pauta na SEMED, que afirma:

Sobre a capacitação, nós tivemos a jornada pedagógica porque esse ano é ano de avaliação e também ano da Prova Brasil e a Secretaria [SEMED] acaba se voltando pra todas essas discussões e não tendo muitas formações no âmbito geral, mas, por exemplo, o PENAIC, que é Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa, está trazendo, hoje, essa discussão na questão na arte, artes visuais, dança, teatro, música, e ,inclusive, os cadernos de informação vem trazendo essa questão de contextualizar as leis que trazem essa temática de história e cultura afro-brasileira e indígena, então essa formação será direcionada para professores do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. (PROFº S., 2017).

Desse modo, o contato será direcionado aos profissionais a qual serão destinadas essas atividades não se enquadram na área de História, pois os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas municipais em Delmiro Gouveia são formados na área da Pedagogia, assim, aos profissionais que devem ser formados na área de Ensino de História (Anos finais do Ensino Fundamental), não se aplica a capacitação a esses profissionais.

Outra preocupação levantada com a entrevista guiada foi o acesso e conhecimento à legislação vigente que atua no direcionamento do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira⁴⁶, onde os professores questionados responderam:

Já tive contato com a legislação na formação que tive em Água Branca e no PIBID (PROFº E., 2017).

Já tive contato com a legislação, mas por conta de concurso e, também, porque gosto de estar atualizada a essas questões, acho essencial, e como professora eu tento trazer essa desconstrução, ou você vai buscar particularmente ou não tem essa capacitação (PROFº C.).

Sim. No curso de especialização (PROFº A., 2018).

Destarte, subjetivamente o contato com a legislação referente à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é propiciado através das capacitações oferecidas em outros municípios ou por meio de formações continuadas financiadas pelos próprios professores como os cursos de especialização, ou ainda, por programas como o PIBID. Em Delmiro Gouveia-AL, as atividades que fomentem capacitações no ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana não são ofertadas na rede municipal de ensino, levando os profissionais, que trabalham em outras redes de ensino, a preencherem as lacunas de conhecimentos e atualização de suas capacidades profissionais na busca por participação nas atividades promovidas por outras fontes externas à rede municipal de ensino delmireNSE. Assim, ao não serem ofertados esses encontros de promoção e aprimoramento da profissão docente em Ensino de História, os professores terminam por defasarem seus currículos profissionais e não atendem satisfatoriamente o disposto nos PCNs e diretrizes vigentes na legislação, visto que não são todos esses profissionais que atuam em mais de uma rede de ensino e é descabido esperar que outras instituições abarquem com a responsabilidade de capacitação profissional dos professores do

⁴⁶ BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução Nº 01 de 10 de março de 2004**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: CNE/CP, 2004.

quadro de ensino delmireense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o tempo desde que a legislação sobre as relações étnico-raciais está em vigor no Brasil, percebe-se o pouco avanço no aprimoramento da área temática do Ensino de História em Cultura Afro-Brasileira no município de Delmiro Gouveia, onde muito se deve à falta de implementação de políticas locais para o aprimoramento dos profissionais. Assim, os profissionais da rede municipal de ensino acabam por não estar preparados adequadamente para atender ao disposto na legislação, em vista às necessidades dos educandos, sendo esses o principal beneficiado com a correta abordagem do conceito de Cultura Afro-Brasileira e dos saberes e práticas culturais oriundas dessa matriz étnica em sala de aula.

De forma consensual, todos os profissionais entrevistados sentem a necessidade de aprimoramento de suas capacidades na especificidade da área temática, quando, para aqueles que tiveram sua graduação no período anterior à implementação da legislação vigente, não tiveram instrução formal como abordar o tema. E, para outros, formados recentemente, é possível perceber a fragilidade de sua formação, mesmo com a introdução dos conceitos de História e Cultura Afro-Brasileira em seu currículo de disciplinas do Curso de Licenciatura em História, pois ainda quando responderam em sua FAL com associações mistificadas acerca da conceituação da África e cultura afro-brasileira, por exemplo, utilizaram termos que são amplamente refutados pelos estudiosos no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.

Portanto, ao perceber a fragilidade dos profissionais que atuam na área de História pertencentes ao quadro de funcionários da SEMED delmireense, identifica-se a necessidade na promoção de capacitação desses profissionais a fim de preencher a lacuna de formação desses mesmos profissionais, tendo em vista que a iniciativa deve partir dos órgãos reguladores, pois a característica apresentada pelos profissionais entrevistados, em sua maioria, é de estagnação no fomento de novos conhecimentos que aprimorem suas capacidades docentes. Vale ressaltar que existem profissionais atuantes, até militantes, na busca e fomento das práticas docentes no Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, porém ainda insuficientes quando estes precisam lutar para que políticas públicas auxiliem na direção do crescimento da classe profissional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Identidades étnicas e culturais : novas perspectivas para a história**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P. 27-37.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, p. 60-78, jan./mar. 1994. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/download/1944/1913> Acesso em 12 mar. 2018.

AMORIM, Alexandre Rômulo Alves de. **Educação patrimonial e patrimônio: as representações sociais do professor de história do ensino fundamental, da 5ª à 8ª série, das redes municipais do Recife e do cabo de santo agostinho**. 2004. 208f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n117/15555.pdf> Acesso em 12 mar. 2018.

AZEVEDO, Cecília. **Identidades compartilhadas**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P. 38-54.

AZEVEDO, Cecília; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Identidades plurais**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P. 25-26.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORGES, Edson. **Reflexões sobre o campo das humanidades, a história, a educação e o ensino de história da África no Brasil**. In: D’ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira (Org.). **Afro-Brasil debates e pensamentos**. Rio de Janeiro: Casará Editora, 2015. P. 165-196.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução Nº 01 de 10 de março de 2004: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: CNE/CP, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei Nº 9394/96**, de 20 de dezembro de

1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 108 p.

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva *et al.* **Reflexões sobre a atividade docente a partir de uma perspectiva sócio-histórica**. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith *et al.* (Org.). **Estudos sobre a atividade docente aspectos teóricos e metodológicos em questão**. São Paulo: EDUC; EDUFAL, 2010. P. 107-118.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados**, vol.9, n.23, São Paulo Jan./Apr. 1995. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141995000100006&script=sci_arttext Acesso em 12 mar. 2018.

DURHAM, Eunice. Cultura e ideologia. **Dados - Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 71-89, 1984.

FARIAS, Ana Márcia Ferreira de *et al.* **Quilombos alagoanos contemporâneos: uma releitura da história**. Recife: bagaço, 2007.

GOMES, Gustavo Manoel da Silva. **A cultura afro-brasileira como discursividade: histórias e poderes de um conceito**. 2013. 183f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) Universidade Federal Rural de Pernambuco – Departamento de História, Recife, 2013.

GOMES, Gustavo Manoel da Silva. **Representações da África nas práticas de ensino de histórias e culturas africanas na sala de aula**. In: MOREIRA, Harley Abrantes (org.). **Africanidades: Repensando identidades, discursos e ensino de História da África**. Olinda; Livro Rápido, 2012. P. 38-65.

GONTIJO, Rebeca. **Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como “patrocínio sócio cultural”**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P. 55-82.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de antropologia**, , V. 47 N° 1, p. 9-43, São Paulo, USP, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a01v47n1.pdf> Acesso em 12 mar. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio de expansão**. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001. P. 17-44.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Hebe Maria. **O ensino de história e a luta contra a discriminação racial no Brasil**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos,**

temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P. 127-138.

MORAIS, Marcus Vinicius de. **História integrada.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Contexto, 2013. P. 201-217.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Contexto, 2013. P. 73-118.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Paris, 1948.

PAIXÃO, Marcelo. **Da lenda à esfinge: sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo.** In: D'ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira (Org.). **Afro-Brasil debates e pensamentos.** Rio de Janeiro: Casará Editora, 2015. P. 17-34.

RACHMAN, Vivian Carla Bohm *et al.* **Psicologia sócio-histórica e clínica da atividade: subsídios para refletir a atividade docente.** In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith *et al.* (Org.). **Estudos sobre a atividade docente aspectos teóricos e metodológicos em questão.** São Paulo: EDUC; EDUFAL, 2010. P. 31-39.

RENNÓ, Lúcio. Teoria da cultura política: vícios e virtudes. BIB, Rio de Janeiro, n. 45, 1º Semestre de 1998, pp.71-92. Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/edicoes-antiores/bib-45/486-teoria-da-cultura-politica-vicios-e-virtudes/file>. Acesso em 23 fev. 2018.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, Porto Algre, n. 13, p. 128-133 jul. 2000. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6719/4026> Acesso em 12 mar. 2018.

SEYFERTH, Giralda. **O beneplácito da desigualdade:** breve digressão sobre o racismo. In: **Racismo no Brasil.** São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002, passim.

SOARES, Júlio Ribeiro; BARBOSA, Silvia Maria Costa. **O movimento do sujeito na pesquisa qualitativa de auto confrontação simples e cruzada.** In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith *et al.* (Org.). **Estudos sobre a atividade docente aspectos teóricos e metodológicos em questão.** São Paulo: EDUC; EDUFAL, 2010. P. 41-53.

SOIHET, Rachel. **Introdução.** In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P. 11-21.

VIANA, Larissa. **Democracia racial e cultura popular:** debates em torno da pluralidade cultural. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P. 103-115.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Para uma nova interpretação do racismo e de seu papel estruturante na história.** In: D'ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira (Org.). **Afro-Brasil debates e pensamentos.** Rio de Janeiro: Casará Editora, 2015. P. 404-453.

APÊNDICE 1 - FICHA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE

NOME: _____ **IDADE:** _____

ETNIA: _____ **GÊNERO:** _____

ESTADO CIVIL: _____ **RELIGIÃO:** _____

ESCOLA: _____

TEMPO EFETIVO DE ENSINO DE HISTÓRIA: _____

TEMPO DE ENSINO DE HISTÓRIA EM NA ESCOLA PÚBLICA: _____

TEMPO DE ENSINO DE HISTÓRIA, DE 5º A 8º SÉRIES: _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

GRADUAÇÃO EM: _____ **ANO:** _____

PÓS-GRADUAÇÃO EM: _____

TELEFONE: () _____ **E-MAIL:** _____

HISTÓRIA É:

1- _____ 4- _____

2- _____ 5- _____

3- _____ 6- _____

ÁFRICA:

1- _____ 4- _____

2- _____ 5- _____

3- _____ 6- _____

CULTURA AFRO-BRASILEIRA:

1- _____ 4- _____

2- _____ 5- _____

3- _____ 6- _____

ENSINO DE HISTÓRIA ONTEM:

1- _____ 4- _____

2- _____ 5- _____

3- _____ 6- _____

ENSINO DE HISTÓRIA HOJE:

1- _____ 4- _____

2- _____ 5- _____

3- _____ 6- _____

PROFESSOR DE HISTÓRIA É:

1- _____ 4- _____

2- _____ 5- _____

3- _____ 6- _____

COMO VOCÊ SE VÊ COMO PROFESSOR DE HISTÓRIA:

1- _____ 4- _____

2- _____ 5- _____

3- _____ 6- _____

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Professor(a): _____
Etnia: _____ **Gênero:** _____
Religião: _____
Escola: _____
Tempo efetivo de ensino: _____

1. Baseado em que você elaborou o conceito de Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Ensino de História e Professor de História?
2. Quais situações (quem, quando, onde, como e porquê) quais situações colaboraram para você pensar ou não, a respeito desses conceitos, na perspectiva que apresentou?
3. Para você, existe alguma relação em História e Cultura Afro-Brasileira e Ensino de História?
4. Que imagem(ns) e símbolo(s) você pode apresentar como representativos da sua ideia sobre História e Cultura Afro-Brasileira?
5. Em que circunstâncias você ouviu ou tomou contato com História e Cultura Afro-Brasileira?
6. Você ouve falar em História e Cultura Afro-Brasileira através de quais meios? Com que frequência?
7. Quem falou e em que circunstâncias?
8. Caso afirmativo, qual sua opinião acerca do que ouve falar sobre a História e Cultura Afro-Brasileira?
9. Há algum lugar para História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino de História?
10. Se afirmativo, qual?
11. Você já adotou esse tema, História e Cultura Afro-Brasileira, em suas aulas de História? Em que situações e em que perspectivas?
12. Você acha importante capacitação sobre o tema de História e Cultura Afro-Brasileira voltada para o Ensino de História?
13. Você já teve alguma capacitação relacionada ao tema de História e Cultura Afro-Brasileira? Se afirmativo, em que situação e com que frequência?
14. Você já teve algum contanto com a legislação que trata a respeito do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira? Se afirmativo, em que circunstância?
15. O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira está presente no Planejamento Anual da disciplina de História?
16. Em caso afirmativo, há o acompanhamento da efetividade do Planejamento, de qual maneira acontece e por quem é realizado esse acompanhamento?
17. Como a prática de se utilizar a História e Cultura Afro-Brasileira pode contribuir para a formação, enquanto cidadãos, dos seus alunos?